



# suplemento

## Adam Schaff como pretexto

O artigo "Introdução à semântica de Adam Schaff", publicado pelo sr. Oswaldino Marques neste Suplemento em 23 de novembro, foi para mim uma grande surpresa. Não pelo ataque violento que o autor me move, já que a violência é o que há de mais comum e menos surpreendente. Mas pela charada que o artigo contém, e que é esta: sabe ou não o autor do meu diálogo com Schaff na III sessão plenária do Congresso de Filosofia, havida em 5 de setembro em Viena? Se sabe, como pode assumir, para com meu trabalho, uma atitude tão diferente da de Schaff, apoiando-se nele? Se não sabe, que incrível coincidência a de ter escolhido Schaff como meu opositor, oposição essa que foi um dos temas da sessão mencionada? Inclino-me, na tentativa de resolver a charada, para a segunda alternativa, a da coincidência incrível. Porque o sr. Oswaldino diz, no artigo mencionado, que "é uma ironia do processo de intercomunicação das culturas haver Schaff desmontado no Brasil o embuste travestido de alta elucubração intelectual que é meu livro "Língua E Realidade", sem nenhum pressentimento". Mas o prof. Schaff conhecia meu pensamento, embora talvez não o livro mencionado. Conhecia, e muito bem, os meus trabalhos publicados na Alemanha, e minha contribuição preparada para o Congresso. Era esta a razão por que pediu ao coordenador dos trabalhos sobre "Língua, Semântica e Hermeneutica", o prof. R. Haller, que o plenário servisse de palco para discussão entre nós dois, e por que participou da discussão da minha contribuição "Do repertório do pensamento" no dia 4 de setembro. Não pretendo relatar a discussão entre Schaff e mim, não apenas porque seria pouco modesto, mas também porque sou parte encaixada, e portanto suspeita.

tar uma metafisicalização dos problemas. 2 — Embora o sr. Oswaldino tenha lido, obviamente, o meu trabalho com atenção, (coisa que me honra), não creio que ele tenha captado o fio do meu argumento, (coisa que me entristece). 3 — O tom polêmico, e a atitude de argumentar "ad personam", que o sr. Oswaldino não conseguiu evitar, não são clima para uma discussão imparcial. 4 — O sr. Oswaldino e o leitor poderão encontrar argumentos contra quase todas as afirmativas do sr. Oswaldino, nos vários trabalhos por mim publicados. Não direi que ainda espere os mesmos pontos de vista expressos no livro criticado pelo sr. Oswaldino. Mudei em muitos aspectos, e escreveria, atualmente, um livro diferente. Mas a minha posição fundamental continua, ainda, (e provisoriamente), a mesma. Certamente não será a argumentação do tipo exposto pelo sr. Oswaldino de molde a modificar essa atitude. Dito isto, declaro-me pronto a aceitar qualquer crítica pertinente ao meu argumento. Mas não críticas impertinentes, algumas das quais responderei em seguida.

A primeira é a afirmativa ser a obra criticada "errada de ponta a ponta". O conceito de "erro" pode ser aplicado a uma reflexão filosófica apenas por quem está inteiramente alienado do espírito da filosofia. Por exemplo, por alguém engajado em alguma ortodoxia, ou por alguém para o qual existem "filósofos consagrados", isto é, filósofos certos. Supondo que meu trabalho esteja em contradição com a totalidade da literatura, (coisa que absolutamente não é o caso, já que minhas idéias não têm, infelizmente, essa originalidade que o crítico bondosamente me quer atribuir), isto não provaria ser meu trabalho errado. E, muito menos, prova meu erro o fato de eu discordar de Schaff, porque Schaff não é um ilu-

"prova" signifique "experiência", e não "demonstração rigorosa".

Wittgenstein e Husserl, entre os muitos autores citados em salada mista no artigo sob estudo, são exemplos supremos dessa praxis. Wittgenstein despreza (ou professa desprezar) autores consagrados. E Husserl procura sistematicamente derrubar suas fontes. Não com o fito de acertarem. Wittgenstein diz que resolver problemas nada muda. Mas com o propósito de revelar novos problemas. O professor Schaff, no entanto, não me parece enquadrar-se nesse esquema. A sua, creio, é a tentativa de enxertar a filosofia linguística "burguesa" sobre a estrutura do marxismo, embora de um marxismo aberto. Não discuto a legitimidade de tal empreendimento. Digo apenas que se trata no caso de um outro tipo de praxis. E o sr. Oswaldino não tem a vivência de nenhum tipo de praxis em filosofia.

Isto toca de perto uma crítica feita pelo sr. Oswaldino. Diz ele que opto pela reificação dos elementos da língua. Com efeito, a praxis da filosofia linguística tem isto: nela a língua é sujeito, objeto e instrumento da pesquisa. De forma que ora se personifica, ora se coisifica, ora se outrifica. Esta a razão da insuficiência de um enfoque científico, que torna a língua apenas objeto de estudo. Não pode pois haver, nesse campo (que para mim é tudo menos pedregoso), nem êxito nem malogro. Pode haver apenas a constante descoberta do poder e da limitação do pensamento como organização de símbolos por regras. Essa oscilação, (que não creio ser dialética, já que insuperável), é a vivência não apenas da filosofia da língua, mas de toda filosofia. Por isto a filosofia não "progride".

Isto responde à segunda crítica impertinente que é a impu-

tação de desonestidade intelectual da minha parte. Para mim, honestidade é dedicação, de corpo e alma, à tarefa do filosofar, sem respeito por autores ou consequências externas.

Para o sr. Oswaldino honestidade talvez seja fidelidade a autores, mas não a demonstra no seu artigo, já que não conserva fidelidade a meu livro (e a Sapir, conforme creio).

A terceira crítica impertinente é a afirmativa que uso "o Brasil, essa "reserva paradisíaca", para fazer oráculos, já que em qualquer parte do globo seria posto de quarentena". Não quero analisar o conceito que o sr. Oswaldino tem do Brasil, mas apenas o fato que ignora completamente como funciona o trabalho intelectual, no Brasil ou alhures. Publico no Brasil, como publico na Europa, não há diferença. O meu livro "Língua e Realidade" foi publicado em São Paulo pelo mesmo processo pelo qual foi publicado em Madri e o será em Stuttgart. Publico neste Suplemento pelo mesmo processo pelo qual publico na Frankfurter Allgemeine Zeitung. Se representei o Brasil no estrangeiro, não foi por intrigas aqui no Brasil (como sugere elegantemente o sr. Oswaldino), mas pelo fato que meu trabalho interessa (por exemplo, interessou à organização do XIV Congresso de filosofia, interessou o prof. Schaff, e interessou outras instituições que voltaram a convidar-me). É verdade que não posso imaginar um artigo como aquele do sr. Oswaldino na imprensa europeia. Mas isto se deve provavelmente a uma falta de imaginação minha. Provavelmente os limites da decência se alargaram um pouco em toda parte.

Em suma: considero frustrada a tentativa do sr. Oswaldino de atacar-me sob o escudo do prof. Schaff, escudo esse que o prof. Schaff forneceu, creio, a contragosto.

do sr. Oswaldino sem resposta, isto me força a mencionar pelo menos um aspecto do diálogo havido. Dividirei, pois, este artigo em duas partes: na primeira exporei o problema da divergência entre Schaff e mim, e na segunda responderei, parcialmente, ao sr. Oswaldino.

Para Schaff, como para mim, como aliás para qualquer reflexão linguística, o problema fundamental é a diversidade das estruturas das várias línguas. Se a estrutura da língua é a rede pela qual o pensamento capta a realidade, como posso dizer que as várias línguas captam a "mesma" realidade? De duas uma: ou descobro em todas as línguas, (nas existentes e possíveis, nas "naturais" e "artificiais"), uma semelhança estrutural comum a todas, ou não descobro. Se descobro, posso afirmar que é essa semelhança que garante, em última análise, a adequação do pensamento à realidade. Se não descobro, é melhor e mais honesto abandonar a tentativa metafísica de postular uma realidade independente de língua, já que seria uma realidade não captável. Pois essa semelhança estrutural comum a todas as línguas não foi, até agora, descoberta. Para Schaff, esse fato lamentável é desafio para continuar a busca. Para ele é exatamente esta a tarefa da ontologia: descobrir a estrutura fundamental comum de todas as línguas. Quando chamei essa atitude de "idealista", já que busca fundamentar a realidade no pensamento, Schaff respondeu que não tinha medo de ser chamado de idealista, sendo ele marxista dos anos sessenta, e não dos anos quarenta. Para mim o único característico comum a todas as línguas é o fato de serem compostas de símbolos, que é um característico do repertório, e não da estrutura. De maneira que advogo o abandono do termo "realidade" com significado "em si", e o uso do termo "realidade" no significado "para uma determinada língua", (ou seja: no significado "universo do discurso"). Em suma: Schaff luta por um universo de certa maneira absoluto, e eu me contento com a pluralidade de universos relativos às várias línguas. Admito que esta minha posição é problematizada pela possibilidade de traduções entre línguas. Mas esta mesma possibilidade problematiza também a posição de Schaff já que traduções, embora possíveis, não resultam, geralmente, em isomorfismo. No fim do diálogo concordamos, Schaff e eu, em discordar quanto às nossas posições, mas em continuar trabalhando em prol de uma teoria da tradução, na qual deve estar escondida a chave do problema.

Passo agora a discutir alguns aspectos do artigo do sr. Oswaldino. Não entrarei na parte propriamente filosófica, por várias razões, algumas das quais são estas: 1 — Expus a minha posição, em linhas gerais, no parágrafo precedente. Não creio que seja uma posição metafísica, mas exatamente resultado do esforço de evi-

minado, (como o sr. Oswaldino supõe, embora chame a mim de iluminado). Com efeito Schaff tem "abertura" filosófica, e creí muito menos no acerto da sua própria obra que o sr. Oswaldino. Prova que Schaff é filósofo, e o sr. Oswaldino é outra coisa.

Neste ponto gostaria de intercalar algumas observações quanto à praxis da filosofia. Não consiste ela na interpretação de outros filósofos, embora não possa haver filosofia sem conhecimento da história da filosofia. A meu ver Wittgenstein exagera a possibilidade de um filosofar independente. Mas o principal em filosofia é o jogo com conceitos dentro de um sistema de regras. Sem dúvida, o jogo e seus conceitos e regras são fornecidos pela tradição, mas o jogador pode manipular os conceitos, eliminar alguns, acrescentar outros, e alterar as regras dentro de determinados limites. Esta é a razão do fascínio da filosofia. Não é um empreendimento apenas intelectual, mas envolve o homem todo, sua razão, seu sentimento, sua intuição, sua fé, sua busca de beleza. A filosofia não é uma profissão, como o é, por exemplo, a contabilidade. Por isto não pode haver uma regulamentação dessa profissão, coisa que o sr. Oswaldino parece advogar, na sua tentativa de conseguir filosofias "certas".

Dado isto, não creio ser defeito de uma obra filosófica se ela se submete a regras estéticas, entre outras. (Coisa que o sr. Oswaldino chama, no meu caso, de "fosforescências que coruscam"). O brilho do estilo de um Nietzsche ou Ortega são parte integral da carga filosófica dessas obras. Mas "submeter-se a regras estéticas" talvez não tenha sido uma expressão feliz para captar o clima no qual se faz filosofia. A vivência não é de submissão, mas de libertação dentro da limitação deliberada. E é nessa liberdade que a praxis filosófica se dá e se expande. Não é pois uma tentativa de acertar, (como o é a tentativa de um aluno como o parece ser o sr. Oswaldino), mas é uma tentativa de encontrar, (como talvez aquela empreendida pelos trovadores). A filosofia é uma pesquisa, como o é a científica, embora em clima diferente. E dou o exemplo do meu livro, (embora obviamente não o considere modelo "válido" para toda praxis em filosofia):

Tomai quatro línguas, mergulhei nelas, e procurei compreender, sentir, apalpar, mastigar, triturar e exprimir a sua essência, a fim de tornar explícito algo implícito nelas. Não me importava muito se esta ou aquela observação encontrada no curso desse empreendimento estivesse ou não de acordo com observações feitas por outros, porque não queria provar nada. Queria transmitir ao leitor, meu futuro interlocutor, a vivência imediata dessa praxis. E' a isto que o sr. Oswaldino chama "violência retórica". Mas é a isto que posso chamar "pertencer ao sindicato dos trabalhadores de prova", desde que

"Língua e Realidade" Editora Herder 1963: (pág. 78). A posição ontológica que este trabalho se propõe investigar é a de que a "realidade" dos dados brutos é apreendida e compreendida por nós em forma de língua. Essa posição é radical, já que, se for aceita, a realidade "em si" dos dados brutos se torna inacessível e, neste sentido, vazia. No primeiro parágrafo ficou esclarecida a ociosidade de se querer falar nessa realidade "em si". A língua deve ser aceita como o dado bruto por excelência, e suas regras devem ser aceitas como a estrutura da realidade. O conhecimento é resultado da observação dessas regras. A verdade absoluta, isto é, a correspondência entre língua e realidade "em si", é tão inarticulável quanto o é essa realidade "em si". No segundo parágrafo foi discutido o problema do ponto de vista do conhecedor, ao invés do ponto de vista do conhecido. O "Eu" foi demonstrado com sendo o produto e o produtor da língua, realizado pela língua e realizando-se na conversa. Foram, entretanto, deixadas em aberto, como ultrapassando o escopo deste trabalho, as regiões inarticuladas do Eu, tanto as vegetativas dos sentidos, como as intuitivas do espírito. No terceiro parágrafo foi discutida a multiplicidade das línguas, portanto, a relatividade das realidades da língua. Foi ilustrado como cada língua representa todo um

cosmos. O conhecimento é válido, rigorosamente, somente no campo de uma única língua. No quarto parágrafo foi investigada a ligação possível entre as diversas línguas. A tradução foi interpretada como uma destruição e um renascimento do intelecto. O políglotismo apareceu como uma espécie de vida múltipla do intelecto. A tradução e o políglotismo foram reconhecidos como o único método intelectual de ultrapassar os limites da língua. No quinto parágrafo foi constatada a existência de três tipos de língua, representando três tipos de realidade. No sexto parágrafo foi discutida a realidade das línguas do tipo flexional à qual pertencemos e foram apresentadas as tentativas de articular artificialmente essa realidade. Foi considerada ainda a articulação autêntica pelas línguas "santas". No sétimo parágrafo foi feita a tentativa de discutir a realidade dos demais tipos de línguas, tentativa reconhecida como sendo impossível. A investigação da língua, ou melhor, das línguas, equivale, de acordo com o argumento até aqui desenvolvido, à investigação da realidade, ou melhor, das realidades. Não é, por certo, a única investigação da realidade possível. Entretanto, é a mais imediata. Necessariamente ela se restringe ao campo das línguas flexionais. A investigação filosófica e científica não é, em última análise, outra coisa a não ser uma investigação